

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser
dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redação e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 1\$000 rs. | Brazil, anno 52 numeros..... 2\$500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 500 rs. | Africa e India Portuguesa, anno 1\$000 rs.
Cobrança pelo correio..... 100 rs. | Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 1\$800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data;
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

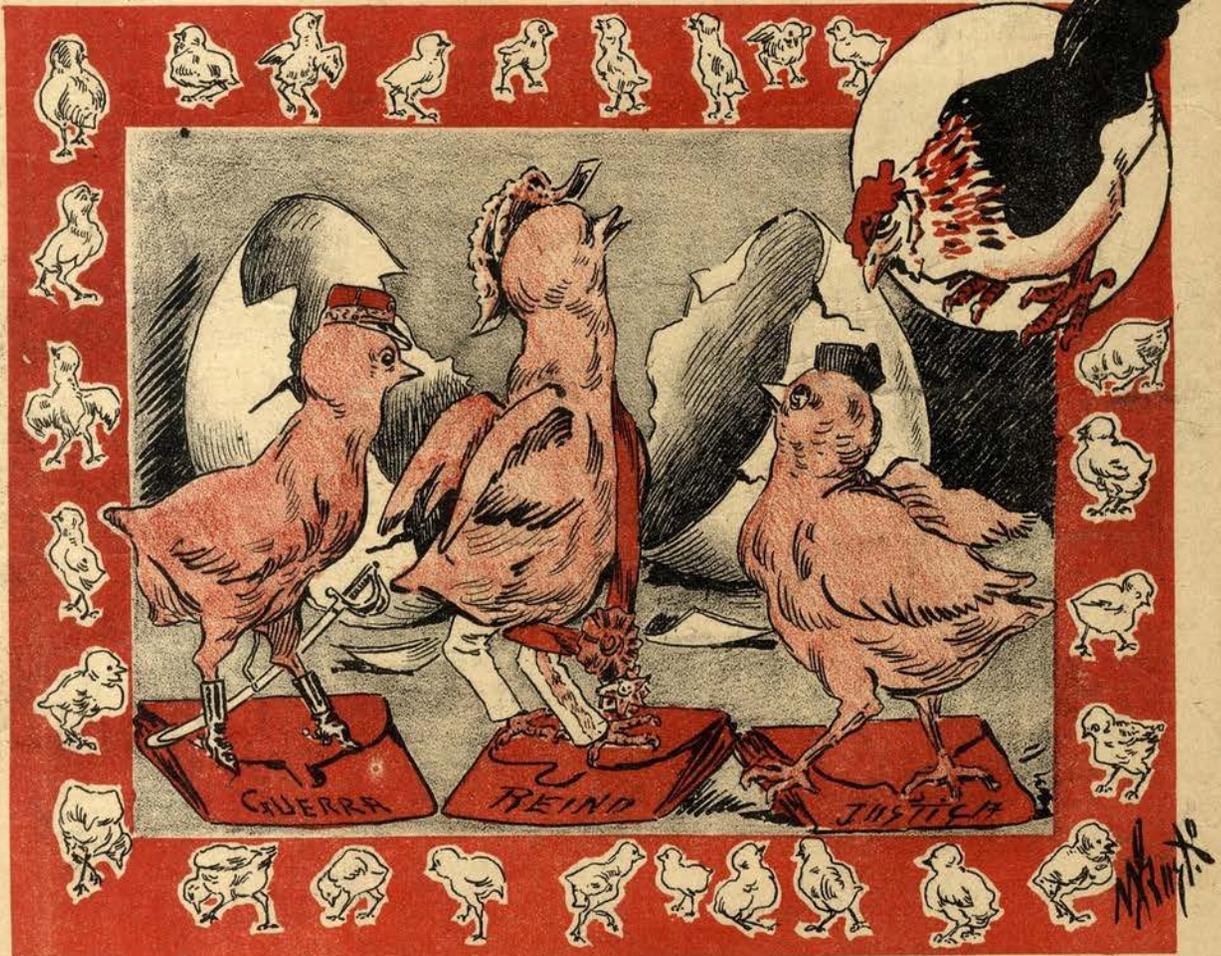
EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

O MINISTERIO PIM-PINTO



PINTUS IN CASCA

Da tuberculose na nação e no Estado

Averiguou-se que na Penitenciaria Central de Lisboa ha actualmente 172 tuberculosos.

Longe de nós levantar um grito de piedade, não diremos já em favor d'essas victimas do regimen cellular, mas do homem contemporaneo, ainda exposto, apesar de tantas conquistas e tantos progressos, á severidade de instituições tão pouco zelosas da vida humana.

Longe de nós.

Como já tão agudamente o dizia Mephistopheles, as leis e o direito transmittem-se de geração em geração como uma doença hereditaria.

Quando viemos ao mundo, já encontramos a Penitenciaria feita, e coisa feita em Portugal é o quer que seja de irremovível, imutavel e eterno.

No nosso paiz tudo, desde as casas até as reputações são indestructiveis. Aqui ha tempos pensou-se em fazer um Palacio de Justiça, mas de tal maneira as nossas instituições estão radicadas no solo, onde primeiro colhemos a sua sombra benefica, que não houve meio de desalhojar a justiça do seu velho antro da Boa-Hora, onde está e onde estará, na intimidade de um grande numero de parasitas de todo o genero.

Com as reputações succede outro tanto. O essencial é fundal-as sob qualquer pretexto. Desde que se fundaram: resistem a tudo, — ao bom senso, ao bom gosto, ao proprio tempo devastador.

Assim como os edificios, as reputações são verdadeiros pardieiros, onde todavia — *quem está, está.*

Os portuguezes mudam uma unica coisa: os moveis.

— Vossê muda-se? pergunta-se.

Em geral, mudamos.

De domicilio.

De idéas, de ideaes, de opiniões, de principios, não mudamos nunca. As nossas aspirações d'hoje são as que herdamos de nossos paes, com as suas caixas de rapé.

As proprias casacas não as mudamos: viramol-as. Em Portugal, quando se muda de opinião, *vira-se a casaca.*

Em virtude da propaganda corajosa do sr. Ramalho Ortigão tambem mudamos de camisa; mas convém dizer que essa concessão ao radicalismo do illustre escriptor é de mui recente data.

A Penitenciaria, posto seja um attentado á vida humana, e a Boa-Hora, posto seja uma verdadeira transgressão de posturas, não dão ensejo a ne-

nhum debate proveitoso; mas tão certo é que o nosso espirito é profundamente conservador e rotineiro que a tuberculose, ella propria, adquiriu já fóros de instituição nacional e tem já um culto, como as outras instituições.

Em outro paiz, de costumes menos suaves, tentar-se-hia combatel-a.

Como?

Combatendo-a nas suas origens.

Na degeneração da especie.

Nas condições do trabalho.

Na alimentação.

Na amamentação.

No domicilio.

Na hygiene.

Entre nós não se combate a tuberculose: cultiva-se a tuberculose.

Nada se faz do que seria preciso fazer para a combater, e faz-se tudo o que é necessario para auxiliar o seu desenvolvimento.

Methodicamente se promove a desordem no Estado. Methodicamente se promove a miseria domestica.

O povo quer pão. Dão-lhe tributos.

O povo quer carne. Dão-lhe ossos.

Portugal é o paiz da Europa que come menos. Em compensação é o que paga mais.

Não importa!

A tuberculose fez carreira. A tuberculose fundou a sua reputação.

Entrou na tradição, entrou nos costumes.

Nada a removerá.

Era necessario destruil-a. Fez-se alguma coisa mais: installaram-n'a.

A tuberculose não tinha domicilio. Pozeram-lhe casa.

A tuberculose não tinha organização social. Foi socialmente organizada, com uma séde, uma assembléa geral, mobilia, uma campanha e um archivo. Assim se fez a Assistencia.

A Assistencia era o que faltava á tuberculose para ella ser definitivamente admitida no seio da sociedade portugueza: a sancção official. Deu-se-lhe a sancção official.

A tuberculose tem estatutos.

Tentar combatel-a é tentar contra a sua integridade, já agora sob a guarda do Estado e das corporações.

Assim, o que se faz?

Honral-a, dignifical-a, ennobrecel-a.

Em vão alguns espiritos refractarios reclamaram contra o preço da carne.

Em vão alguns outros se insurgiram contra as fraudes dos generos de alimentação.

Em vão alguns outros ainda procuraram attrahir as attentões dos poderes publicos para as condições miseraveis dos bairros e das habitações das classes pobres.

Em vão!

A tuberculose era um facto.

Foi então que a Assistencia lhe prestou a homenagem de um grande numero de escarradeiras, a que deu a fórma de pyras sacras, e reclamou

o auxilio da policia, que regulamentou o direito de cuspir.

JOÃO RIMANSO.



Felicidade

Felicidade, — eu cá não te conheço
Apezar de tu seres tão falada;
Pergunto se estás lá ou se és de gesso
Porém o echo — *moita* — não diz nada.

Para o pobre, a real *felicidade*.
Não está no habitar casas moiriscas;
Já se julga mais rico que um abbade
Se tem quatro vintens para ir ás iscas

Para um alto senhor que deita contos
Não ha *felicidade* em ter milhões
Quer ter ás suas ordens, sempre promptos,
Os thesouros de todas as nações.

Quem de senhor ministro tem a pasta
Acha que é bagatella esse explendor;
E até por muitas vezes não lhe basta
Ser de seis Companhias director.

Uma roliça uma boçal burgueza
Affectada da manha luzitana
Por que inda não chegou a ser marqueza
Alcunha a sua sorte de tyranna.

O grande borrachão, que mal se apruma
E sempre cõe no chão quando escorrage,
Funda a *felicidade* suprasuma
Em ser proprietario d'uma adegá.

N'este mundo só é afortunado
Quem come peixe frito no Dafundo...
Contra os pedaços d'asno que ha no mundo,
E tem sempre o seu riso engatilhado.



OUTRA NA FERRADURA

Está aberta uma subscrição para socorrer os famintos de Cabo Verde.

Tal qual como quando foi do *ultimatum*, e se reconheceu que não tinhamos marinha.

O Estado em Portugal tem dinheiro para tudo.

No entanto, sempre que se nota que alguma coisa falta — abre-se uma subscrição.

O *Adamastor* é o resultado de uma rifa, e as provincias do ultramar fazem beneficios como os chefes de familia necessitados.



Justamente, um official de marinha acaba de fazer o seguinte depoimento sobre o que seja a nossa marinha de guerra:

«Nada existe ou quasi nada.

Nem um navio de combate, a não ser um cruzador, nem organisação, nem pessoal devidamente habilitado, nem a instrucção precisa. É uma triste verdade, mas é necessario que o paiz a saiba.

Os tres torpedeiros que temos, atrazados e lentos, só servirão para comprometter as suas guarnições. Os cruzadores que adquirimos, ao cabo de treze annos em que se não construiu um unico navio de guerra, não entraram como unidades de um plano geral e não teem deslocamento para serem navios de combate.»

Em virtude d'estas e outras revelações, o governo prohibiu aos officiaes que fizessem conferencias.

São assim todos os governos: elles imaginam que a verdade deixa de andar nua pelo facto de lhe metterem uma rolha na bocca.



Intermèms.

A proposito das próximas manobras:

«Qual seria a maneira pratica de obter effectivos completos nos nossos regimentos? — Era simples... Bastaria fazer se como na Suissa, onde as manobras se succedem por rotação.»

Cacophaton á parte, em Portugal as manobras tambem se succedem por rotação.

Mas não são as militares.

São as politicas.

Manobras regeneradoras.

Idem progressistas.

Manobras progressistas.

Idem regeneradoras.

É muito engenhoso.



O pessoal da fiscalisação do sello vae ter uniforme.

Quer dizer: Portugal vae parecer uma caserna.

O contribuinte é que continúa em piugas.



Respondendo ao papa, que lhe disse:— Ah! é preciso melhorar essa França! o cardeal Ferrata, segundo informam de Roma, replicou n'estes termos:

—A França parece que entrou no caminho do arrependimento.

Perdão! Quem entrou no caminho do arrependimento foi o sr. Fialho d'Almeida.

A França está onde estava, isto é: a cavallo nos principios.

O sr. Fialho é que desmontou.



Leram o discurso do ablegado apostolico na cerimonia da imposição do barrete cardinalicio (uff!) a monsenhor Ajuti?

Não leram?

É do sr. Sousa Monteiro.

Principia assim:

«Se alguma vez me fulgiu dia feliz e fausto, em que eu de nenhum modo podesse conter a expressão... etc.

Bismutho!...



Descobriu-se que o Shakespeare belga, Maeterlinck, surripiou a idéa do seu drama laureado *Monna Vanna*, n'um quadro obscuro do museu de Anvers.

Idéas de peças roubadas em quadros...

Mas não se prende ninguem por isso!

Se assim fosse, a nossa policia tinha que fazer.



Dizem os jornaes hespanhoes que Fuentes é republicano, como o são em geral todos os toureiros.

Em Portugal são opportunistas.

Opportunos... aos quites.



A proposito do caso Alves Dias — o *Dia*:

«A sultura só podia ter lugar no caso da absolvição do reu.»

No caso da condemnação seria comtudo mais natural, porque nem sempre o medo guarda a vinha.



O mesmo jornal pede que se promulgue quanto antes — a *Carta Constitucional da Orthographia Portuguesa*.

Longe vá o agouro!

A Carta a proclamar-se e os partidos a saltar-lhe em cima.

Então é que ninguem se entendia e assim como já pensamos, teriamos de escrever em dictadura.

Nada de Cartas!

Não nos tirem a unica liberdade que nos resta — a liberdade de escrever mal.



O *Dia* lembra que subordinemos a nossa opinião á Academia Real das Sciencias.

Nunca!

Já temos o Juizo de Instrucção Criminal.

Não queremos mais Bastilhas!



A orthographia que temos é bastante embrulhada.

Não importa!

As nossas idéas não são mais claras.

Para o que, sabemos exprimir, a orthographia que temos, posto não seja da última moda, serve perfeitamente.

Em ultimo caso — vira-se.

Ainda pôde fazer duas estações — ou duas gerações.

O FERRADOR.

O ZÉ POVINHO NA HISTORIA

o o o



DEITADO - FUGA DE D. JOÃO VI



LEVANTADO - REVOLUÇÃO DE 20



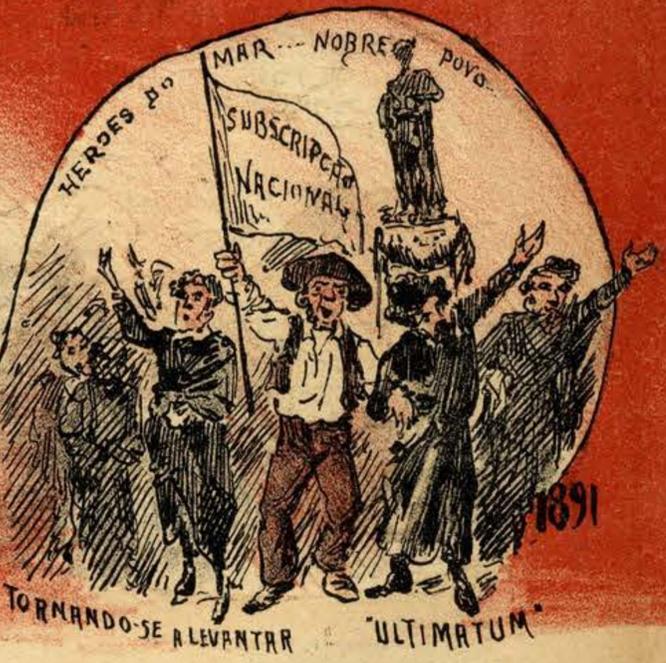
TORNANDO-SE A DEITAR D. MIGUEL



TORNANDO-SE A LEVANTAR REVOLUÇÃO DE SETEMBRO



TORNANDO-SE A DEITAR PAZ DO GRAMINDO



TORNANDO-SE A LEVANTAR "ULTIMATUM"



SOMNEÇA REAL

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

ARVORE DA LIBERDADE

Nunca se levanta que se não deite

Mentiras

Ha quinze dias que os jornaes não falam d'outra coisa, que se não lêem outros telegrammas, que se não faz outra pergunta:

—Morreu o Papa?

—Está melhor?

—Quem o substituirá? Gotti? Rampolla? Oreglia?

E, dão-se informações sobre o concilho que ha de ser.

E, como é, como se vota, como se invoca o Espirito Santo, como da chrysalida vermelha de um cardeal sae a borboleta branca que se chama um — Papa.

E, os jornaes contam quantas pulsações tem á noite; o que comeu, que horas dormiu; o que disse e o que não disse.

Fazem-se vaticínios; prophecias; evocam-se os espiritos reveladores do futuro, e não esquecem as phrazes pontificias que podem dar logar a coincidencias canonisadoras.

Conta-se o que os imperadores dizem do doente e o que mandam votar aos seus cardeais logo que o pontífice vá para o céu.

As cinco partes do mundo são todos os dias informadas, por telegrammas do que fazem e dizem os medicos.

De como foi furada Sua Santidade e do que disse ao furarem-n'a.

Calculam-se-lhe os dias de vida e pedem-se orações pela prolongação da sua já longa existencia.

Como se em logar de ser o Papa fosse o papá de toda a gente, não ha canto, nem becco, no Universo, onde não cheguem as mais minuciosas informações do broxlear da vida do Christo de Roma.

Ha então um grande amor por este homem?

A humanidade inteira soffre com as suas dôres e agonisa na sua agonia?

Um lucto, semelhante ás cerrações que cobrem o Oceano em milhares de milhas, nuncias da tempestade, cobre a alma collectiva dos homens, immergindo-a no lucto e na tristeza de uma dôr inenarravel?

Treme a terra n'uma ancia dolorida, como nas vespas do anno mil, quando a prophacia ensinava que o mundo ia acabar?

O terror de um mal enorme, infinito, que se sente imminente, pára os corações e gela as consciencias?

Nada d'isto.

Ninguem, a não serem os cardeais que aspiram á thiara papal, deixa de almoçar ou de jantar, de ir ao theatro ou de ir aos toiros, de fumar um charuto ou de dar o seu passeio nos electricos, porque o telegramma diga

que Sua Santidade passou peor a noite, ou está em vespas de partir para o seu palacio de verão nos Campos Elysios, a encontrar-se com Eneas, com o marquez de Pombal, e já agora, com o divino Garrett, que por lá deve andar de casaca de côr, calção e meia, como nos bons tempos dos serões das Larangeiras, do conde de Farrobo de galantissima memoria.

Ninguem, a não serem, repito, os cardeais que pleiteiam o throno mais cubiçado da Terra e alguma beata tresloucada, que se acostumou a adorar o Summo Pontífice, n'aquella inconsciencia de suggestão, que faz com que os camponeses adorem, de joelhos, imagens de santos e santas de uma fealdade escultural capaz de espantar os burros e de fazer abortar as mulheres.

A não serem esses, ninguem liga ao facto importancia maior do que a qualquer outro, que se dê na sua rua ou no seu bairro.

O que parece interesse—é uma curiosidade doentia, balofa, actual.



Antigamente quando o Papa representava e era uma poderosa força, que lhe vinha, sobretudo, da intensidade e sinceridade da creença, quando punha e depunha reis, quando absolvia e anatematizava os grandes, os poderosos, quando talhava imperios e dividia com o seu baculo o Terra á mercê das suas sympathias ou conveniências, quando o espirito humano europeu, na sua ignorancia obedecia servilmente á sua vontade omnipotente de Jupiter tunante, quando abria e fechava o céu, como guarda portão carrancudo e tímido, então, sim; então comprehendem-se que a sua morte fosse para o Mundo um acontecimento e que o cair do colosso catholico, produzisse na terra christã a anciedade com que se vê sempre o oscillar e cair, nas grandes florestas da America, as arvores collossaes, velhas de muitos seculos.

Mas hoje!

Que importa ás nações de hoje, a uma Inglaterra, a uma França, a uma America do Norte, e ás demais, que o Papa queira ou não queira esta ou aquella lei, este ou aquelle decreto?

Que importa a ellas que o catholicismo anquilosado na velha cadeia da asneira, grite pela bocca do seu chefe que é contra Deus, esta fórmula de governo, aquella concepção de liberdade, aquell'outra lei sobre a independencia do espirito humano, se os seus homens de sciencia—os novos apóstolos—as proclamaram e vitalizaram pelos seus esforços e trabalhos?

Que nação antepõe, hoje, a vontade do Papa aos seus desejos, á sua politica, aos seus interesses?

Qual a que não ri dos seus anathemas e não mette na algibeira os raios que vêm do Vaticano mais inofensivos dos que as bichas de rabear das noites pagãs de S. João e S. Pedro?

O que ha entre ellas e o papado a mais do que uma cõrteza que a tradicção tem conservado? e que uns restos de um pueril receio do claro, mantido pela falta de energia dos governos, pela indolencia filha da ignorancia servil de alguns politicos?

E, descendo das nações aos homens, quem é que precisou na sua vida do Papa, para que lhe serviu elle ou para que lhe servê, no seu passageiro caminho pela Terra?

Que faz ao moirer da vida dos humildes, que haja ou que não haja Papa?

Papas de milho essas sim, que lhe fazem falta; mas papas de carne e osso, infalliveis, a pregar *Syllabus* e arrecadar milhões arrancados á miseria humana, para irem enriquecer o thesoiro papal improductivo e prejudicial como o de um avaro, que lhes importa a elles?

Sê pois nem aos imperadores, nem aos reis, nem aos tendeiros, nem ás creadas de servir, importa para nada que haja um Papa, que viva com bella saude no seu palacio de Roma ou esteja mal dos pulmões no mesmo dito palacio, o que significa este interesse pela leitura dos telegrammas da cidade eterna, este desejo de informacção, este falar de todas as horas, nas ultimas noticias que os cabos transmittem e os arames?

Simplemente uma maneira de ser da actualidade, um traço no desenho do bicho homem de hoje, uma hypocrisia, uma mentira.

Indifferente e cansada, a humanidade é como os velhos galantes no convivio das mulheres que longamente conheceram na mocidade e disfrutaram, e dos homens cujas manhas e qualidades geraes conhecem, á maravilha, pela experiencia.

São para todas e todos de uma grande polidez exterior; no fundo dedicam-lhe o mais perfeito e inalteravel desprezo.

Exteriormente, todas as delicadezas e todos os interesses: intimamente, a mais enraizada e firme indifferença.

Como nada os interessa e nada os prenda na terra, mas terra onde tem de viver, a hypocrisia do convivio permite-lhes a vida a bem com todos.

Tal a fórmula do viver de hoje.

Não ferir creenças, nem paixões, nem idéas; adular os altos, incensar os poderosos; respeitar o que está.

Por isso interessam-se todos pelos reis que são assassinados, pelas prin-

cezas que atiram com as corôas pela escada abaixo, pelos papas que morrem, pelos principes que nascem.

De verdade, não se interessam por coisa nenhuma a não ser o garantir ao estomago uma replecção relecta. á vaidade uma situação evidents, ao crebro uma quietação egoista de ruminantes.

Luiz XIV dizia:—o estado sou eu.

O juiz Veiga disse:—a lei sou eu.
O cavalheiro do seculo diz:—o mundo sou eu.

D'aqui resulta que a convivencia é uma hypocrisia:—a vida inteira uma mentira pegada.

A mentira moral é a caracteristica do seculo.

NOTA: E' possivel e natural que ao publicarem-se estas linhas o Papa tenha morrido.

Aqui deixo o meu cartão de lucto á humanidade, na impossibilidade de o fazer pessoalmente.

A humanidade móra muito longe e eu não tenho automovel.

KARLOS.



A lebre e o caranguejo

FABULA

Uma lebre encontrou a um caranguejo
Que p'la praia ia andando em santa paz:
—«Abysmado fiquei d'isto que vejo...
Caminhas para traz!»

Pois lá n'esse teu reino dos mariscos
Não se fala em progresso ou coisa assim?
Que te partam mil raios e coriscos,
Caranguejo ruim!

Eu cá, quando disparo uma carreira,
Não me pôde apanhar esperto cão...
Tu, desgraçado, marchas de maneira
Que mettes compaixão

O caranguejo, sempre a caminhar
Como que andando a medo:
—«Olha que nem por muito caminhar
Amanhece mais cedo!»

Vae n'isto, vem um galgo e apanha a lebre
Que pernas não achou para fugir:
E o caranguejo, sem que a marcha quebre
Começa a reflectir:

«—Correr de mais conduz a fins sinistros,
E' um poder fallaz...
Assim entendem bem nossos ministros
Que andam para traz!»

X.



Bicicleta

O bispo de Coimbra acaba de prohibir aos padres do seu bispado o uso da bicicleta.

Ignora-se o motivo da excommu-nhão do precioso vehiculo, por sua re- verendissima tão altamente desconsi- derado.

E' uma invenção do progresso e tan- to bastará. Os padres que a usavam teem de voltar novamente a andar de burro ou de mula.

Final, o bispo tem razão:— que isto de padres só andam bem com bestas.

Oremos.

Papices

N'um d'estes dias o Papa apertou a mão a Rampolla, com uma certa vivacidade e disse-lhe:—até á eterni- dade!

Deve ser longe.

Segundo informações procedentes de Roma, diz uma folha. Leão XIII declarou que desejava morrer no dia 16, por ser o dia da festa de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Andam os imbecis debruados de hypocritas a arranjar coincidencias.

Os espiritistas já foram codilhados na prophesia do dia doze.

Agora veem os expertos a vér se péga a morte no dia em que a dese- ja o *velhinho santo*.

Elle deve saber—o infallivel.

Coitado! sabel-o ha tanto como soube que era a *ultima benção*, como elle disse, a que deitou a uns papal- vos que lh'a pediram ha dias.

Pasma-se de tanta estupidez ou de tanta hypocrisia.

A fortuna minima do *santo velhi- nho* do Vaticano anda por cinco mil contos.

Cinco mil a matar fomes, a vestir nús, a remediar miserias—já era algu- ma coisa.

Aos profanos, que accumulam, as- sim, sordidamente fortunas impro- ductivas, chama-se-lhes miseraveis e avarentos.

Aos papas chamam-lhes santos.
Que raio de logica!

Roma, 15.

«O dr. Laponi recebeu um tel. gram- ma de um riquissimo americano, of- ferecendo-lhe dez mil dollars por um frasco do liquido pleurico do Papa.»

Imagine-se o que este collecciona- dor não daria pelo contheúdo das trip- as.

Que porco!

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Banhos do mar e aguas thermaes em 1903. Serviço combinado entre varias estações d'esta companhia e diversas das linhas do Sul, Sueste, Beira Alta, Minho e Douro Por- to a Povoa e Famalicão e Guimarães.

Viagens de ida e volta a preços reduzidos com bilhetes validos por dois mezes com a facultade de ampliação de prazo e de deten- ção em diversas estações de transito.

Em identicas condições do serviço espe- cial interno d'esta companhia para a epoca de banhos e aguas thermaes, já devidamen- te annuciado desde 15 de junho até 31 de outubro de 1903 as principaes estações das linhas acima mencionadas terão á venda bi- lhetes de ida e volta a preços reduzidos, va- lidos por dois mezes, com destino ás diver- sas localidades de banhos de mar e aguas thermaes servidas pelas estações das linhas combinadas.

Demais condições e preços ver os carta zes affixados nos logares do costume.

Lisboa, 10 de Junho de 1903

O Director Geral da Companhia
Chapuy.

Ourivesaria e Relojoaria

com officina annexa

de fabrico e concertos



FLORINDO

Jóias

com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 96



Marcellino Mesquita

UMA ANEDOTA

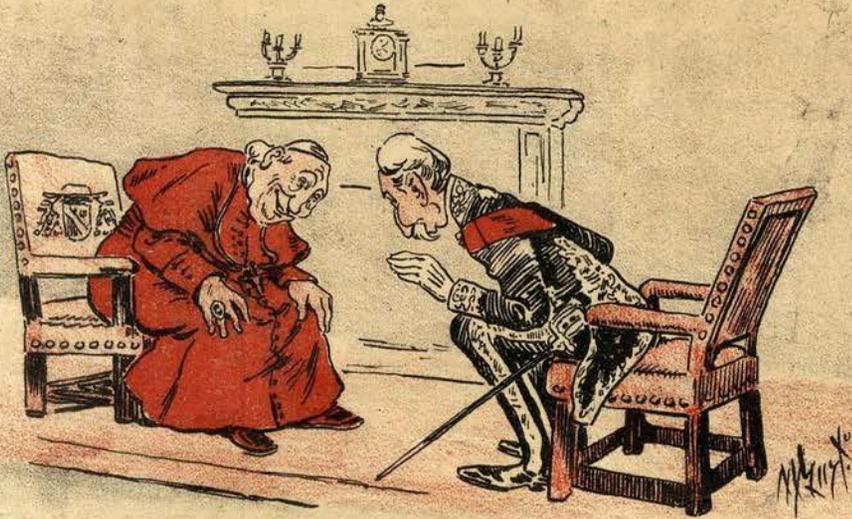
Episodio dramatico

Preço 200 reis

Requisições a Carlos Martins — Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º

ANTES DO CONCLAVE

DIPLOMACIA



CARDEAL — Aqui para nós, que ninguém nos ouve, indigita-se, fala-se muito no cardeal Neto patriarcha de Lisboa...
DIPLOMATÁ — Suicido-me...

NO VATICANO



— ENTÃO JÁ ?
— JÁ. AGORA MESMO
— CÔRO - UFF. - HTÉ QUE EM FIM...

A LISTA CIVIL



— Campo entrincheirado ? O que vem a ser isto ?...
— E' um prato novo que está agora na lista...